

# MENÇÕES ÀS PESSOAS SURDAS NAS PROVAS DO EXAME NACIONAL DO ENSINO MÉDIO BRASILEIRO

MENTIONS OF DEAF PEOPLE WITHIN THE BRAZILIAN NATIONAL HIGH SCHOOL EXAM

Recebido em: 16 de janeiro de 2026  
Aprovado em: 8 de março de 2026  
Sistema de Avaliação: Double Blind Review  
RCO | a. 18 | v. 1 | p. 67-86 | jan./jun. 2026  
DOI: <https://doi.org/10.25112/rco.v1.4629>

**Raquel Alves Bozzi** [raquelbozzi@gmail.com](mailto:raquelbozzi@gmail.com)

Doutoranda em Educação na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (São Paulo/Brasil).  
Mestre em Educação em Ciências e Matemática pela Universidade Federal de Viçosa (Viçosa/Brasil).

**Cássia Geciauskas Sofiato** [cassiasofiato@usp.br](mailto:cassiasofiato@usp.br)

Doutora em Artes pela Universidade Estadual de Campinas (Campinas/Brasil). Docente da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, do Departamento de Filosofia da Educação e Ciências da Educação e do Programa de Pós-graduação em Educação (São Paulo/Brasil).

## RESUMO

Esta pesquisa analisa como questões sobre surdez, as pessoas Surdas, a deficiência auditiva e a Língua Brasileira de Sinais (Libras) foram representadas nas provas do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) brasileiro, desde sua criação em 1998 até a edição de 2024. Caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, do tipo documental, cujo corpus consiste nas provas do exame em língua portuguesa. A análise identifica cinco ocorrências da temática, uma no tema de redação, três provenientes da área Linguagens, Códigos e suas Tecnologias e uma da área Ciências Humanas e suas Tecnologias. Os resultados indicam a presença da temática no exame e a presença das perspectivas social, fundamentada na surdez enquanto diferença, e médica, que compreende a surdez como deficiência. Conclui que o Enem incorpora a temática, com representações de diferentes formas em sua estrutura.

**Palavras-chave:** Exame Nacional do Ensino Médio. Enem. Representações. Surdez. Pessoas Surdas.

## ABSTRACT

This research analyzes how issues regarding deafness, Deaf people, hearing impairment, and the Brazilian Sign Language (Libras) were represented in the Brazilian National High School Exam (Enem) from its creation in 1998 to the 2024 edition. It is characterized as a qualitative documentary research, whose corpus consists of the exam papers in Portuguese. The analysis identifies five occurrences of the theme: one in the essay prompt, three from the area of Languages, Codes, and Their Technologies, and one from the area of Human Sciences and Their Technologies. The results indicate the presence of the theme in the exam and the coexistence of social perspectives, grounded in deafness as a difference, and medical perspectives, which understand deafness as a disability. It concludes that the Enem incorporates the theme through different forms of representation within its structure.

**Keywords:** National High School Exam. Enem. Representations. Deafness. Deaf People.

## 1 INTRODUÇÃO

No Brasil, o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) é uma avaliação em larga escala instituída pelo Ministério da Educação pela Portaria Ministerial nº 438, de 28 de maio de 1998. É uma avaliação das competências e habilidades desenvolvidas pelos estudantes ao longo da Educação Básica (Brasil, 1998). Atualmente, o exame é composto por 180 questões objetivas, distribuídas igualmente em quatro áreas do conhecimento, sendo elas: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias; Ciências Humanas e suas Tecnologias; Ciências da Natureza e suas Tecnologias; e Matemática e suas Tecnologias, e pela produção de um texto dissertativo-argumentativo com temática definida a cada edição.

Os resultados obtidos no Enem podem ser utilizados pelos participantes para o ingresso em algumas Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras ou portuguesas, assim como para a solicitação de auxílios financeiros governamentais brasileiros para a continuidade dos estudos. Além disso, fornecem subsídios relevantes para análises educacionais e para a formulação de políticas públicas voltadas à educação (Inep, 2025).

Desde a sua implementação, o acesso ao Enem foi sendo ampliado e sua estrutura passou por diferentes transformações. O Enem é uma prática consolidada em todo o país e é reconhecido como um dos exames em larga escala com maior participação no mundo. Ele apresenta uma função de política pública vinculada à democratização e inclusão no Ensino Superior, influenciando também a organização pedagógica da Educação Básica, em especial do Ensino Médio, etapa final da Educação Básica, com duração de três anos e geralmente cursada por jovens entre 15 e 17 anos (Souza, 2017).

Segundo De Oliveira (2016), o Enem é ofertado a estudantes procedentes de diferentes dependências administrativas, abrangendo escolas privadas e públicas (federais, estaduais ou municipais). Assim, há uma grande diversidade de participantes. Para viabilizar a participação do maior número de interessados e promover a equidade, o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) oferta recursos de acessibilidade e atendimento diferenciado, desde os anos 2000, no âmbito da Política de Acessibilidade e Inclusão (Inep, 2020). O atendimento diferenciado é dividido em "atendimento especializado", destinado aos participantes com deficiência, síndromes, transtornos globais ou específicos, e em "atendimento específico", voltado aos candidatos com mobilidade reduzida,

como idosos, gestantes e lactantes (Junqueira et al., 2017). Dentre os participantes que podem solicitar os recursos e o atendimento, estão as pessoas Surdas<sup>1</sup>.

As pessoas Surdas constituem um modelo linguístico-cultural, com experiências de minorias linguísticas, e não se reconhecem como pessoas com deficiência (Ladd, 2003/2013). No Enem, há diferentes tipos de recursos de acessibilidade que podem ser acessados pelos participantes Surdos, como o tradutor e intérprete de Libras, a leitura labial, o tempo adicional para a realização da prova, o Enem em Libras, entre outros. O Enem em Libras representou um marco na promoção da acessibilidade, com a garantia da videoprova integralmente em Libras, incluindo também a divulgação de outras informações em Libras, como o edital e cartilhas da prova. Ele representa uma mudança de paradigma na avaliação de pessoas Surdas, por reconhecer seus direitos linguísticos (Junqueira & Lacerda, 2019).

No mesmo ano de início da oferta da videoprova em Libras, em 2017, o tema da redação mencionou diretamente as pessoas surdas, sendo: “Desafios para a formação educacional de surdos no Brasil”. Diante disso, questionamos: quando e de que forma a temática surdez passou a fazer parte do Enem? A pergunta nos leva a refletir sobre como essas pessoas são mencionadas no Enem, para além da oferta de recursos de acessibilidade. Afinal, como alertam Patrocínio e Roque (2018, pp. 173-174), “sabemos que os atos de fala não devem ser lidos como inocentes, pois a afirmação da identidade e da diferença tem relação estreita com as relações de poder, e estas normalmente privilegiam o lado mais valorizado socialmente”.

Na literatura, identificamos análises das representações de personagens Surdos em livros de literatura infantil e infantojuvenil (Patrocínio & Roque, 2018; Golos & Moses, 2011; Pajka-West, 2010). Entretanto, não há análise que contemple as representações em materiais didáticos, incluindo instrumentos avaliativos. No contexto do Enem, considerando os estudantes Surdos, prevalecem estudos voltados à experiência desses candidatos na elaboração das redações no Enem de 2017, ao Enem em Libras e aos aspectos quantitativos de inscrição (Coimbra et al., 2025; Junqueira & Lacerda, 2019; Junqueira et al., 2017; Martins & Lacerda, 2015), não há estudos que analisem como a temática é abordada nas questões e propostas de redação ao longo dos anos, com ênfase nos aspectos constitutivos do exame. Essa lacuna confere originalidade à presente pesquisa.

---

<sup>1</sup> Evidenciamos a letra S maiúscula, como é usado por Paddy Ladd (2003/2013) e autores dos Estudos Surdos, para marcar que usaremos este termo em referência às pessoas que se reconhecem como uma minoria linguística, possuem a língua de sinais como primeira língua e não são marcadas por uma perda ou falta. Também para destacar nosso reconhecimento e respeito aos sujeitos Surdos, suas vivências, valores e história.

Segundo Strobel (2008), a Cultura Surda historicamente foi marcada por estereótipos, por meio da imposição da cultura dominante, e por representações sociais que revelam o Surdo como pessoa com deficiência. Essas representações sociais, que buscam uma correção e/ou normalização, promovem a exclusão das pessoas Surdas. Então, é necessário pensar sobre:

A surdez e suas representações e refletir sobre a produção de imagens e discursos acerca de um grupo que historicamente ocupou um lugar marginalizado na sociedade. A emergência de uma concepção da surdez enquanto uma diferença etno-linguística inaugura um novo tratamento do sujeito surdo que irá potencializar outras representações e discursos (Patrocínio & Roque, 2018, pp. 177).

O Enem, enquanto instrumento avaliativo e meio de produção e reprodução de discursos sociais, que menciona essas pessoas em seu texto, pode assumir diferentes abordagens e contribuir para perpetuar ou transformar as representações. Portanto, o objetivo deste trabalho foi explorar as edições do Enem, de 1998 a 2024, para analisar a presença de questões e temas de redação relacionados às pessoas Surdas, e identificar os significados evocados a partir das representações mencionadas no exame. Esse tipo de análise de representações não busca a invalidação do exame, mas evidenciar como são as menções e, como defendem Patrocínio e Roque (2018), problematizar eventuais caminhos únicos, identidades fixas e estereótipos simplistas, caso existam.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

As comunidades Surdas, que utilizam as línguas de sinais, constituem um modelo linguístico-cultural, visto que suas vivências se relacionam à condição de uma minoria linguística. Quando não há oportunidades educacionais que considerem suas vivências, o sujeito Surdo e a comunidade Surda são prejudicados, pois o estudante não reconhece seu pertencimento, não compreende o funcionamento da sociedade e não atua de forma ativa, o que é semelhante a outras minorias linguísticas oprimidas. Esse modelo também é atravessado pelo colonialismo, principalmente o linguístico, que busca destituir a língua e a cultura desse um grupo, substituindo-as pelas do grupo majoritário (Ladd, 2003/2013).

Entre as formas de violência às minorias linguísticas, a eliminação da cultura e da língua é uma forma eficaz e pode acontecer, por exemplo, por meio da imposição de sistemas de ensino que desconsideram as singularidades dos estudantes, suas culturas e línguas. Assim, ideias, normas e linguagens presentes nos meios educacionais podem fortalecer ou combater essas violências (Ladd, 2003/2013). Dessa forma, é primordial a existência de meios que assegurem a participação e o desenvolvimento de pessoas

Surdas, ao mesmo tempo em que as representações sobre/desses sujeitos devem ser cuidadosamente observadas, para que:

Em vez de continuar a vê-los como objetos dignos de pena ou que precisem de ser 'curados', possamos começar a dar os nossos primeiros passos de bebê para o processo de desenvolvimento da nossa nova literacia cultural procurando ativamente o que eles têm para nos ensinar (Ladd, 2003/2013, pp. 27).

Ao longo da história da educação das pessoas Surdas, três principais abordagens se destacam, sendo elas: o oralismo, a comunicação total e o bilinguismo, baseadas em diferentes pressupostos. No oralismo, os estudantes surdos foram proibidos de usar a língua de sinais e forçados a aprender a língua oral, o que provocou uma deterioração na educação dos surdos (Sacks, 2010). Na comunicação total havia uma comunicação híbrida, com todos os recursos possíveis, uso de sinais, gestos e fala simultaneamente. Foi uma filosofia de oposição ao oralismo, com recursos que tornaram melhor o desempenho acadêmico de crianças surdas (Capovilla, 2000). O bilinguismo reconhece a língua de sinais como primeira língua e a modalidade escrita da língua oral do país como segunda língua. Essa abordagem possibilitou o desenvolvimento linguístico e amadurecimento da língua de sinais e é, atualmente, considerada a proposta mais coerente e potente para a educação de pessoas Surdas (Müller & Karnopp, 2017). Com isso,

Passamos a compreender a comunidade surda enquanto um grupo minoritário que instaura um elemento de distinção na cultura hegemônica, resultando na construção de uma nova forma de representação do Outro sob o prisma da diferença. Os surdos não são mais sujeitos desviantes de uma norma, de um modelo universal, mas como indicador de outras posturas possíveis. A medicalização da surdez e as conseqüentes ações terapêuticas que almejam promover a inclusão do surdo em busca de uma normatização de sua "deficiência auditiva" por meio de intervenções clínicas que objetivavam a oralização são problematizadas em favor da defesa da diferença linguística e cultural dos surdos (Patrocínio & Roque, 2018, pp. 167).

A educação bilíngue de Surdos é embasada na Pedagogia de Surdos, valorizando a visualidade, o uso da língua de sinais, a formação docente e a presença de professores Surdos. Ela potencializa o desenvolvimento linguístico e cultural dos estudantes (Rangel, 2022). Há uma busca pela construção da identidade Surda em torno da língua de sinais e as pessoas Surdas são percebidas como detentoras e protetoras de uma herança cultural, línguas de sinais, formas de artes e história, diferentemente da perspectiva clínica/médica, na qual a surdez é compreendida como uma perda e a língua de sinais não é utilizada (Lane, 2002).

A educação bilíngue de Surdos promove uma nova percepção da surdez, a colocando em uma perspectiva da defesa das particularidades linguísticas do Surdo e tomando por base uma referência cultural para a compreensão da surdez enquanto uma diferença linguística (Patrocínio & Roque, 2018). No entanto, a educação bilíngue de Surdos é atravessada pela cultura presente nos sistemas de ensino, que moldam as interpretações do bilinguismo e as experiências educacionais, produzindo múltiplas propostas e vivências interculturais diversas entre os estudantes (Müller & Karnopp, 2017).

Apesar de marcar o reconhecimento da surdez enquanto diferença, essa mudança de paradigma proporcionada pelo bilinguismo não é suficiente para o abandono de práticas, estereótipos e representações provenientes de discursos que defendem a oralidade, em que foram construídas e consolidadas representações sobre pessoas surdas. Não existe a suplementação ou a substituição de modelos. Apesar do modelo socioantropológico ser estruturado a partir da oposição da medicalização do sujeito Surdo, o modelo médico, em sua perspectiva clínica, ainda está presente em diferentes campos, e revela desafios na efetivação da educação bilíngue de Surdos (Kumada, 2017; Patrocínio & Roque, 2018).

Strobel (2008) afirma que um grande desafio está nas representações estereotipadas e hegemônicas sobre a Cultura Surda, impostas pelos que possuem o poder de classificar e nomear. Representações clínicas, que buscam a correção das pessoas Surdas atravessam as sociedades, famílias e instituições e influenciam a constituição identitária do sujeito Surdo. Mas as representações na sociedade devem buscar “abrir um espaço igualitário para o Povo Surdo, procurando respeitar suas identidades e sua legitimação como grupo com diferencial linguístico e cultural” (Strobel, 2007, p. 34). A autora considera que as representações sociais estão em um período de mudança, no qual as pessoas Surdas não temem esconder as suas identidades culturais (Strobel, 2008). Na literatura, as representações de personagens Surdos foram analisadas por Pajka-West (2010), Golos e Moses (2011) e Patrocínio e Roque (2018) e indicaram diferentes perspectivas, ancoradas nas abordagens social/cultural e/ou clínica/médica, o que influencia diretamente na forma como os leitores percebem a surdez e os sujeitos.

Pajka-West (2010), ao analisar a representação de personagens Surdos em livros de ficção, destacou que os autores estão incorporando mais personagens Surdos em seus livros do que no passado, mas isso não significa que há uma maior compreensão sobre os Surdos, nem mesmo uma caracterização precisa e respeitosa desses sujeitos. Ao explorar livros da literatura juvenil, com personagens Surdos, para identificar se eles corroboravam com a abordagem social/cultural ou com a clínica/médica da surdez, ela identificou que a maioria dos autores ouvintes apresentaram o personagem na perspectiva social e a maioria dos autores Surdos a partir da perspectiva médica. Também verificou que, embora tenha encontrado representações pejorativas dos Surdos nos livros analisados, as representações dos

personagens Surdos foram realistas, majoritariamente na perspectiva social, os autores possuíam conexões pessoais com pessoas Surdas e estão realizando pesquisas para embasar as características dos personagens, aparentando ter maior consciência das potências da comunidade Surda, em comparação ao passado.

Patrocínio e Roque (2018), ao analisarem as representações do “ser surdo” e da surdez na literatura em dois livros de literatura infantojuvenil, identificaram uma perspectiva socioantropológica, uma abordagem social da surdez enquanto diferença etnicolinguística nos livros, com argumentos em favor de romper os discursos que associam a surdez à ausência. Reforçaram que a menção da comunidade Surda a partir de características, como a de ser calma, mencionada em um dos livros, devem ser evitadas, por não darem conta de uma realidade multifacetada, inerente a um grupo de pessoas.

Golos e Moses (2011) analisaram a representação de personagens Surdos em 20 livros infantis ilustrados, destinados às crianças de 4 a 8 anos, e buscaram identificar a frequência em que os personagens Surdos foram retratados sob uma perspectiva médica e sob uma perspectiva cultural. Diferentemente dos resultados encontrados por Pajka-West (2010) e Patrocínio e Roque (2018), Golos e Moses (2011) identificaram que o modelo médico foi o mais retratado nos livros analisados e que nos livros que apresentavam referências à perspectiva social, também havia referências ao modelo médico, sendo que mais da metade dos livros não fez referência à Cultura Surda ou à língua de sinais. As autoras alertam sobre os impactos que tais representações podem gerar na criança, ao identificar personagens Surdos que geralmente remetem uma imagem da surdez como condição que impede a realização de atividades cotidianas ou que deve ser tratada ou curada, em uma abordagem clínica (Golos & Moses, 2011).

Em contato com livros infantis ilustrados, as crianças, Surdas ou ouvintes verão personagens Surdos retratados como um problema médico, que pode e deve ser resolvido a fim de que volte a ouvir, que usam e podem confiar em estratégias de comunicação que as pessoas ouvintes usam, como ouvir, falar ou ler lábios, e que, sem esses meios, as pessoas Surdas serão percebidas como irritadas, isoladas ou incapazes de agir com autonomia. Essas representações podem perpetuar estereótipos da surdez e não contribuem com a valorização humana, sugerindo às crianças Surdas que elas não podem ser aceitas ou valorizadas a menos que possam adquirir dispositivos ou estratégias de comunicação que permitam a participação no mundo ouvinte (Golos & Moses, 2011). Na leitura dos livros infantojuvenis, Pajka-West (2010) menciona os leitores poderem reconhecer as representações negativas e rejeitá-las como estereótipos, mas também que essas representações podem ser absorvidas e as pessoas Surdas podem ser rotuladas, desencorajadas e reduzidas a uma forma limitada de existir. A representação

realista de personagens Surdos beneficia a todos, independentemente se adotam a perspectiva cultural ou médica, e possibilita que os leitores não acessem informações inadequadas sobre a surdez, reforçando estereótipos negativos, como pode acontecer com qualquer obra literária que mencione minorias.

As pesquisas de Pajka-West (2010), Golos e Moses (2011) e Patrocínio e Roque (2018) mostram pontos de contato em relação à relevância das representações sociais no processo de leitura e na formação dos sujeitos, as quais podem influenciar os leitores, e de desencontro em relação às perspectivas adotadas. Essa diversidade reforça a necessidade de investigar contextos específicos de circulação de discursos, como em materiais didáticos e instrumentos avaliativos, para compreender como se estruturam e se disseminam representações sobre a surdez.

Nesse contexto, o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) constitui um instrumento avaliativo que, além de avaliar competências, também produz e reproduz discursos sociais. Então, quando menciona pessoas Surdas, pode adotar diferentes abordagens, contribuindo para a circulação de determinadas representações. A preocupação aqui não é invalidar a avaliação, mas compreender como esses discursos são produzidos e quais significados evocam, especialmente considerando que as percepções da surdez e do sujeito Surdo são atravessadas pelas “representações e definições formadas a partir de determinadas configurações discursivas de saber-poder” (Patrocínio & Roque, 2018, pp. 164). A análise da presença da temática e possíveis representações da surdez no Enem é um tema relevante para compreender como esse exame pode reforçar ou transformar discursos associados às pessoas Surdas.

### **3 METODOLOGIA**

A pesquisa possui uma abordagem qualitativa e é do tipo documental (Gil, 2002). Em pesquisas de abordagem qualitativa, o pesquisador deve se atentar às peculiaridades, relações e sentidos construídos, considerando que nenhum dado é trivial e que cada registro pode fornecer informações relevantes, que possibilitem a compreensão do objeto de estudo (Bogdan & Biklen, 1991/1994). Não há previsão de um esquema rígido, mas exige a descrição detalhada e sistemática de todo o processo, desde a definição do problema de pesquisa até os resultados e conclusões (Goldenberg, 2004).

O *corpus* da pesquisa foi composto pelos arquivos em língua portuguesa do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), de 1998 a 2024, abrangendo todas as edições disponíveis. Os arquivos apresentam as questões e o tema da redação de cada ano. O montante analisado foi de 45 arquivos, sendo um por ano no período de 1998 a 2008, com extensão de 12 a 23 páginas cada, e dois por ano no período de 2009 a 2024, exceto o ano de 2010, que contou com quatro, com extensão de 32 páginas cada. Esses

materiais são de acesso público e estão disponíveis no formato Portable Document Format (PDF) no *site* do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep, 2025).

O material foi submetido à análise documental, que é útil para examinar, obter informações e compreender o teor de documentos. Na análise documental são utilizadas técnicas para a apreensão e compreensão de diferentes tipos de documentos, para a seleção, coleta, análise e interpretação dos dados (Júnior et al., 2021). O processo analítico ocorreu em três principais etapas.

A primeira consistiu na coleta dos arquivos e elaboração de uma planilha para o fichamento da menção, a área do conhecimento e o ano. A segunda foi a leitura na íntegra e identificação das menções, com registro na planilha. Para garantir que todas as questões e temas das redações tivessem sido selecionados, foi realizada uma busca sistemática com palavras-chave, por meio da ferramenta de pesquisa dos arquivos digitais (Ctrl + F). Os termos utilizados foram: surdo(a); língua de sinais; Libras; deficiência auditiva; e deficiente (termo em desuso, mas incluído para possíveis ocorrências). Nessa etapa, foi identificada a primeira menção apenas em 2017, logo, as menções foram de 2017 a 2024. Por fim, foi realizada uma análise interpretativa das ocorrências encontradas, considerando as abordagens, os sentidos atribuídos e os modos como esses elementos foram situados no contexto avaliativo do Enem.

#### **4 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Para apresentação e discussão dos resultados, serão descritos o tema de redação e as questões do Enem nas quais houve menção à surdez, pessoas Surdas, deficiência auditiva ou Libras. A primeira ocorrência foi identificada em 2017, em um tema de redação. As demais apareceram em quatro questões, nos anos de 2019, 2022, 2023 e 2024.

Considerando que o Enem existe desde 1998 e que, até a primeira menção em 2017, houve importantes marcos legais relacionados à educação de Surdos, como a Lei de Libras (Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002), que reconheceu a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como meio legal de comunicação e expressão no Brasil, e o Decreto nº 5.626/2005, que regulamentou a Lei de Libras, apresentando detalhes, como o de promover uma educação bilíngue, a primeira menção foi apenas 15 anos após a Lei de Libras.

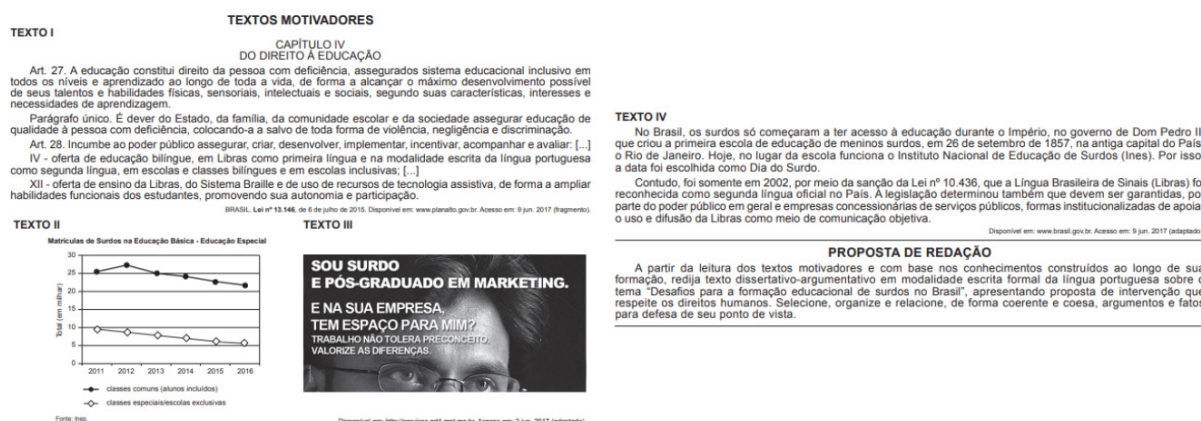
Um aspecto relevante foi a coincidência temporal entre essa primeira menção e o início da oferta da videoprova em Libras, ambos em 2017. Isso sugere que, possivelmente, foi uma temática que recebeu atenção pela equipe do Enem neste período. A partir desse ano, houve uma recorrência de questões que mencionaram a temática em análise, o que pode ser atrelado à diferentes aspectos, como atenção da organização do exame, também a influência de legislações recentes, como a Lei nº 14.191/2021, que

incluiu a modalidade de educação bilíngue de Surdos no Brasil na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996).

#### 4.1 OCORRÊNCIA EM TEMA DE REDAÇÃO

A primeira menção à surdez foi no tema de redação do Enem de 2017, que foi: “Desafios para a formação educacional de surdos no Brasil”, que contou com quatro textos motivadores e as instruções para a elaboração da redação, como mostra a Figura 1.

**Figura 1 – Tema da redação do Enem de 2017**



**Fonte: Retirado do Enem de 2017 (Inep, 2025)**

**Descrição da imagem: Questão do Enem que traz duas imagens. A primeira é um gráfico de linha que tem como título Matrícula de Surdos na Educação Básica- Educação Especial. A segunda é um cartaz com um rosto de um homem que mostra o seu cabelo, testa e olhos e tem como título Sou Surdo e Pós-graduado em Marketing.**

Dos quatro textos motivadores, o primeiro apresentou um recorte da Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/2015, o Estatuto da Pessoa com Deficiência) sobre o direito à educação, mencionando a responsabilidade do poder público oferecer a educação bilíngue aos Surdos e o ensino da Libras. No segundo, um gráfico com as matrículas de Surdos na Educação Básica - Educação Especial, com queda a partir do ano 2012. No terceiro, uma imagem com a mensagem: “Sou Surdo e pós-graduado em marketing. E na sua empresa tem espaço para mim? Trabalho não tolera preconceito. Valorize as diferenças.”. No quarto texto, menção do início do acesso à educação pelos Surdos no Brasil, da criação da primeira escola de educação de Surdos em 1857 e da Lei de Libras (Lei nº 10.436/2002), marcando que foi esta que reconheceu a Libras “como segunda língua oficial no País” e a determinação da legislação do uso e difusão da Libras. Nesta proposta de redação, o estudante deveria propor uma

intervenção para os desafios da formação educacional de Surdos no Brasil, respeitando os direitos humanos.

A temática promoveu visibilidade à comunidade Surda e também debate sobre a sua educação, efetivação dos seus direitos e também atenção aos desafios existentes, considerando que o tema de redação do Enem reverbera em discussões na mídia e em diferentes espaços, como no espaço educacional. Houve uma informação incorreta no quarto texto motivador, que afirmava que a Libras era a segunda língua oficial no Brasil. A Lei nº 10.436/2002 reconhece a Libras como meio legal de comunicação e expressão da comunidade Surda brasileira, mas não como língua oficial do país, a única língua oficial do Brasil é a língua portuguesa, prevista na Constituição Federal de 1988.

Na primeira menção à surdez no Enem, os textos motivadores apresentaram elementos da perspectiva médica, ao se referirem à surdez como deficiência, com direitos descritos no Estatuto da Pessoa com Deficiência. Mas também informações a partir da perspectiva social/cultural, ao incorporarem a Libras como língua e a identidade Surda como diferença. Essa comunicação híbrida, assumindo traços da abordagem médica e também da social, permite diferentes construções textuais pelos candidatos, que podem optar por elencar os desafios a partir de uma representação de pessoa com deficiência ou enquanto alguém com diferença linguística e cultural. Isso será dependente das vivências dos candidatos e interpretação diante dos textos motivadores, que também atravessam as representações dos sujeitos Surdos, as quais são estabelecidas pelos discursos de saber-poder (Patrocínio & Roque, 2018).

## 4.2 OCORRÊNCIAS EM QUESTÕES

As questões do Enem são contextualizadas e apresentam texto-base no início, seguido pelo enunciado com a pergunta e, por fim, as alternativas de resposta. As quatro questões que mencionaram a temática apresentaram texto-base em formato escrito, apenas uma delas (2019) apresentou também um texto-base com uso de imagem.

A segunda ocorrência da temática no Enem foi em 2019, em uma questão da área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Apresentou dois textos-base para a resposta da questão, o primeiro foi uma história em quadrinhos elaborada por uma quadrinista Surda, o segundo foi um texto informativo sobre o sucesso da quadrinista Surda em um evento e algumas características de suas obras, como mostra a Figura 2.

Figura 2 – Questão do Enem de 2019

Questão 12

TEXTO I

**A promessa da felicidade**

TEXTO II

**Quadrinista surda faz sucesso na CCXP com narrativas silenciosas**

A área de artistas independentes da Comic Con Experience (CCXP) deste ano é a maior da história do evento *geek*, são mais de 450 quadrinistas e ilustradores no *Artists' Alley*.

E a diversidade vai além do estilo das HQ. Em uma das mesas na fila F, senta a quadrinista com deficiência auditiva Ju Loyola, com suas histórias que classifica como "narrativas silenciosas". São histórias que podem ser compreendidas por crianças e adultos, e pessoas de qualquer nacionalidade, pelo simples motivo de não terem uma única palavra.

A artista não escreve roteiros convencionais para suas obras. Sua experiência de ter que entender a comunicação pelo que vê faz com que ela se identifique muito mais com o que observa do que com o que as pessoas dizem.

E basta folhear suas obras que fica claro que elas não são histórias em quadrinhos que perderam as palavras, mas sim que ganharam uma nova perspectiva.

Disponível em: <https://catracalivre.com.br>. Acesso em: 8 dez. 2018 (adaptado).

O Texto I exemplifica a obra de uma artista surda, que promove uma experiência de leitura inovadora, divulgada no Texto II. Independentemente de seus objetivos, ambos os textos

- incentivam a produção de roteiros compostos por imagens.
- colaboram para a valorização de enredos românticos.
- revelam o sucesso de um evento de cartunistas.
- contribuem com o processo de acessibilidade.
- questionam o padrão tradicional das HQ.

JU LOYOLA. *The promise of happiness*.  
LOYOLA, J. Disponível em: <http://ladyscomics.com.br>. Acesso em: 8 dez. 2018 (adaptado).

Fonte: Retirado do Enem de 2019, caderno azul (Inep, 2025)

**Descrição da imagem:** Tirinha de Ju Loyola com seis quadrinhos com o título A promessa de felicidade. No primeiro tem uma menina com um chapéu grande olhando para o chão. No segundo aparece o chapéu da menina no canto esquerdo e ela vê um vulto que se aproxima. No terceiro aparece o rosto da menina de perfil e mostra somente parte de seu chapéu, o cabelo e os olhos. O quarto mostra um ramo com flores com uma mão que o segura. No quinto tem a menina com chapéu de perfil, curvada e com a mão direita embaixo do queixo e o sexto mostra um menino que segura e oferece o ramo de flores a menina.

A questão partiu da perspectiva social, em que houve a menção de uma obra da autora Surda, a divulgação dessa obra e do protagonismo Surdo na elaboração, também o relato da presença da artista em um evento prestigiado. É uma questão que pode promover a valorização das obras de pessoas Surdas e representações positivas em nível de igualdade, sem estereótipos, reconhecendo o Povo Surdo a partir da diferença e não como pessoas com deficiência, como é sugerido pela autora Strobel (2008). Também enquanto pessoas detentoras de conhecimento, artes e potencialidades (Lane, 2002).

Em 2022, foi a terceira ocorrência, em uma questão também da área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, com dois textos-base, ambos sobre tecnologia e acessibilidade, como mostra a Figura 3. O primeiro texto-base sobre um projeto de mural eletrônico para possibilitar o acesso à informação de todos, com menção a disponibilização de "vídeos com Libras". O segundo foi totalmente voltado aos

Surdos, com a apresentação de um projeto para o acesso à informação pelos Surdos e inclusão científica, também por meio da tecnologia.

**Figura 3 – Questão do Enem de 2022**

<p><b>QUESTÃO 22</b></p> <p><b>TEXTO I</b></p> <p><b>Projeto Mural Eletrônico desenvolvido no INT, semelhante a um totem, promete tornar o acesso à informação disponível para todos</b></p> <p>A inclusão de pessoas com deficiência se constituiu um dos principais desafios e preocupações para a sociedade ao longo das últimas décadas. E o uso da tecnologia tem se revelado um aliado fundamental em muitas iniciativas voltadas para essa área. Exemplo disso é uma das recentes criações do Instituto Nacional de Tecnologia (INT) — unidade de pesquisa do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovação e Comunicações (MCTIC). Ali, com o objetivo de que as diferenças entre pessoas não sejam sinônimo de obstáculo no acesso à informação ou na comunicação, engenheiros e tecnólogos vêm trabalhando no desenvolvimento do projeto Mural Eletrônico.</p> <p>O Mural Eletrônico nasceu da necessidade de promover a inclusão nas escolas. Com interface multimídia e interativa, todos têm a possibilidade de acessar o Mural Eletrônico. Por meio do equipamento podem ser disponibilizados vídeos com Libras, leitura sonora de textos, que também estarão acessíveis e em uma plataforma de braille dinâmico, ao lado do teclado.</p> <p><small>KIFFER, D. Inclusão ampla e irrestrita. <i>Rio Pesquisa</i>, n. 36, set. 2016 (adaptado).</small></p>	<p><b>TEXTO II</b></p> <p><b>Projeto <i>Surdonews</i>, desenvolvido na UFRJ, garante acesso de surdos à informação e contribui para sua “inclusão científica”</b></p> <p>Para não permitir que a falta de informação seja um fator para o isolamento e a inacessibilidade da comunidade surda, a jornalista e pesquisadora Roberta Savedra Schiaffino criou o projeto “<i>Surdonews</i>”: montando os quebra-cabeças das notícias para o surdo”. Trata-se de uma página no Facebook, com notícias constantemente atualizadas e apresentadas por surdos em Libras, e veiculadas por meio de vídeos.</p> <p>A ideia de criar o projeto surgiu quando Roberta, ela própria surda profunda, ainda cursava o mestrado. Para isso, ela procurou traçar um diagnóstico do conhecimento informal entre as pessoas com surdez. Ela entrevistou cinquenta alunos surdos do ensino fundamental e viu que eles tinham muita dificuldade de ler, além de não captar a notícia falada. “Isso é muito grave, pois 90% do saber de um indivíduo vem do conhecimento informal, adquirido em feiras científicas, conversas, cinema, teatro, incluindo a mídia, por todas as suas possibilidades disseminadoras”, explica a pesquisadora. “Prezamos pelo conteúdo científico em nossas pautas. Contudo, independentemente disso, nosso principal trabalho é, além de informar e atualizar, fazer com que os textos não sejam empobrecidos no processo de ‘tradução’ e, sim, acessíveis”.</p> <p><small>KIFFER, D. Comunicação sem barreiras. <i>Rio Pesquisa</i>, n. 37, dez. 2016 (adaptado).</small></p>	<p>Considerando-se o tema tecnologias e acessibilidade, os textos I e II aproximam-se porque apresentam projetos que</p> <ul style="list-style-type: none"> <li><input type="radio"/> A garantem a igualdade entre as pessoas.</li> <li><input type="radio"/> B foram criados por uma pesquisadora surda.</li> <li><input type="radio"/> C tiveram origem em um curso de pós-graduação.</li> <li><input type="radio"/> D estão circunscritos ao espaço institucional da escola.</li> <li><input checked="" type="radio"/> E têm como objetivo a disseminação do conhecimento.</li> </ul>
---	---	--

**Fonte: Retirado do Enem de 2022, caderno azul (Inep, 2025)**

No primeiro texto-base da questão, houve menção da inclusão de pessoas com deficiência em seu início e, no seu fim, sobre a disponibilização de “vídeos com Libras”, possivelmente associando as pessoas Surdas e pessoas com deficiência. Já no segundo texto-base, houve a menção de um projeto direcionado às pessoas Surdas, idealizado por uma mestrande surda, que entrevistou outras pessoas Surdas e elaborou um material para viabilizar o acesso às informações, sem empobrecer os textos no processo tradutório. O segundo texto-base seguiu a perspectiva social, em que houve o reconhecimento de uma barreira linguística que deve ser ultrapassada. A tecnologia ganhou destaque na questão, como aliada à acessibilidade, o que foi pouco percebido em livros da literatura infantil por Golos e Moses (2011), que evidenciaram a baixa menção do uso de tecnologias por pessoas Surdas. Assim, nessa questão houve a coexistência de uma narrativa a partir da perspectiva médica e da perspectiva social.

A quarta ocorrência foi em 2023, também em uma questão da área de Linguagens, Códigos e Suas Tecnologias. O texto-base foi sobre a Língua Brasileira de Sinais (Libras), como mostra a Figura 4. Nele foram apresentadas informações sobre a Libras como a comunicação oficial da comunidade Surda brasileira, mencionado que ela apresenta sinais que variam a depender da região, da idade e outros aspectos, com informações sobre uma disciplina em uma universidade e a crença equivocada e frequente

de que a Libras é universal. No questionamento, o texto é usado como base e a alternativa correta afirma que a Libras passa por fenômenos de variação linguística como qualquer outra língua.

**Figura 4 – Questão do Enem de 2023**

<p><b>QUESTÃO 16</b></p> <p>Mandioca, macaxeira, aipim e castelinha são nomes diferentes da mesma planta. Semáforo, sinaleiro e farol também significam a mesma coisa. O que muda é só o hábito cultural de cada região. A mesma coisa acontece com a Língua Brasileira de Sinais (Libras). Embora ela seja a comunicação oficial da comunidade surda no Brasil, existem sinais que variam em relação à região, à idade e até ao gênero de quem se comunica. A cor verde, por exemplo, possui sinais diferentes no Rio de Janeiro, Paraná e São Paulo. São os regionalismos na língua de sinais.</p> <p>Essas variações são um dos temas da disciplina Linguística na língua de sinais, oferecida pela Universidade Estadual Paulista (Unesp) ao longo do segundo semestre. "Muitas pessoas pensam que a língua de sinais é universal, o que não é verdade", explica a professora e chefe do Departamento de Linguística, Literatura e Letras Clássicas da Unesp. "Mesmo dentro de um mesmo país, ela sofre variação em relação à localização geográfica, à faixa etária e até ao gênero dos usuários", completa a especialista.</p>	<p>Os surdos podem criar sinais diferentes para identificar lugares, objetos e conceitos. Em São Paulo, o sinal de "cerveja" é feito com um giro do punho como uma meia-volta. Em Minas, a bebida é citada quando os dedos indicador e médio batem no lado do rosto. Também ocorrem mudanças históricas. Um sinal pode sofrer alterações decorrentes dos costumes da geração que o utiliza.</p> <p><small>Disponível em: <a href="http://www.educacao.sp.gov.br">www.educacao.sp.gov.br</a>. Acesso em: 1 nov. 2021 (adaptado).</small></p> <p>Nesse texto, a Língua Brasileira de Sinais (Libras)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li><input checked="" type="radio"/> A passa por fenômenos de variação linguística como qualquer outra língua.</li> <li><input type="radio"/> B apresenta variações regionais, assumindo novo sentido para algumas palavras.</li> <li><input type="radio"/> C sofre mudança estrutural motivada pelo uso de sinais diferentes para algumas palavras.</li> <li><input type="radio"/> D diferencia-se em todo o Brasil, desenvolvendo cada região a sua própria língua de sinais.</li> <li><input type="radio"/> E é ininteligível para parte dos usuários em razão das mudanças de sinais motivadas geograficamente.</li> </ul>
--	--

**Fonte: Retirado do Enem de 2023, caderno azul (Inep, 2025)**

A questão sugere uma abordagem social, com informações sobre a Libras com status de língua e divulgação de suas características. Também estabeleceu relações com a língua portuguesa, sem uma espécie de competição entre as línguas. E não repetiu o equívoco mencionado na primeira ocorrência, sobre ser língua oficial do país, na questão consta que é a comunicação oficial da comunidade Surda no Brasil.

A quinta e última ocorrência identificada foi na edição de 2024, em uma questão da área de Ciências Humanas e suas Tecnologias, em que foi mencionada a deficiência auditiva em um texto-base sobre as posições de vulnerabilidade que as pessoas com deficiência assumem e as assimetrias nas relações de poder na interação entre pessoas com e sem deficiência, como mostra a Figura 5.

**Figura 4 – Questão do Enem de 2024**

**QUESTÃO 72**

A pessoa com deficiência de qualquer modalidade — seja visual, auditiva, física ou mental — encontra-se em uma posição de grande vulnerabilidade em relação às pessoas sem deficiência, sendo frequentemente marcante a assimetria das relações de poder na interação entre ambas. Tal assimetria de relação hierárquica é multiplicada conforme a severidade de cada caso, sendo ampliada se a pessoa com necessidades especiais pertencer a um outro grupo de risco, por exemplo, se for mulher ou criança.

PASIAN, M. S. A negligência parental e a relação com a deficiência: o que mostra a pesquisa nacional. **Revista Educação Especial**, n. 53, set.-dez. 2015 (adaptado).

A realidade abordada no texto indica a necessidade de se promover uma ética interpessoal centrada no

- A) cuidado, proteção e valorização dos indivíduos.
- B) entendimento, perdão e tolerância dos responsáveis.
- C) cerceamento, arregimentação e controle de entidades.
- D) regramento, legislação e responsabilização de culpados.
- E) ensimesmamento, interiorização e indulgência dos agentes.

**Fonte: Retirado do Enem de 2024, caderno azul (Inep, 2025)**

Diferentemente das demais questões, a questão de 2024 foi embasada na abordagem médica/clínica, com ênfase em questões de cuidado das pessoas com deficiência. Foi uma menção breve do termo auditiva, ao mencionarem algumas “modalidades” de deficiência. O questionamento foi relacionado a como o texto-base mostrava a necessidade de promover uma ética entre as pessoas centrada no cuidado, proteção e valorização dos indivíduos. Nessa perspectiva, a questão segue na perspectiva de pessoas com deficiência e, partindo do referencial adotado nesta pesquisa, contribui com a construção de estereótipos que levam aos discursos hegemônicos, colonialistas e paternalistas sobre os sujeitos Surdos (Strobel, 2008; Patrocínio & Roque, 2018).

Apesar de ser a questão mais recente, diferentemente das demais, baseou-se totalmente na abordagem clínica, que reforça representações estereotipadas e hegemônicas sobre as pessoas Surdas, mas, também, reconhece outras formas de vivenciar o mundo, enquanto pessoas com deficiência auditiva. A diferenciação em nomear, também estabelece diferenciações em atribuir significados, e, de toda forma, pode influenciar nas representações sociais.

A partir das ocorrências identificadas, notamos também que não houve menções nas áreas Ciências da Natureza e suas Tecnologias e Matemática e suas Tecnologias. No contexto geral, a temática em análise foi abordada seguindo diferentes vertentes sobre as pessoas Surdas. As ocorrências dos anos de 2017 (tema da redação) e 2022 mesclaram as abordagens médica e social, mencionando aspectos de pessoas com deficiência, mas também da língua de sinais. Já as questões dos anos de 2019 e 2023, foram totalmente baseadas em uma abordagem social, com menção ao protagonismo Surdo e especificidades da língua de sinais. E a questão mais recente, de 2024, que mencionou a deficiência auditiva foi totalmente baseada em uma abordagem médica. Houve uma maior recorrência de representações mais próximas à perspectiva social e cultural da surdez, evidenciando o protagonismo Surdo, a língua de sinais

e o reconhecimento da diversidade linguística. Mas ainda persiste a influência de discursos médicos, com menção à Surdez no campo da deficiência.

Os textos-base não foram isentos de representações de pessoas Surdas, como é esperado, apresentando, aspectos de valores éticos e morais da nossa sociedade, que não necessariamente afetavam na resposta correta, e refletem disputas epistemológicas e políticas que atravessam a história da educação de Surdos no Brasil.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente estudo mapeou as menções relacionadas à surdez, pessoas Surdas, língua de sinais e pessoa com deficiência auditiva em todas as edições do Enem, compreendendo de 1998 a 2024. Foram identificadas cinco ocorrências, sendo uma tema de redação e quatro questões com menção à temática, distribuídas de 2017 a 2024. Das quatro questões, três foram provenientes da área Linguagens, Códigos e suas Tecnologias (questões dos anos de 2019, 2022 e 2023) e uma da área Ciências Humanas e suas Tecnologias (questão do ano de 2024). As temáticas abordadas foram diversas, contemplando os desafios educacionais, o protagonismo Surdo na elaboração de obras literárias, a tecnologia e a acessibilidade, a língua brasileira de sinais e aspectos de vulnerabilidade de pessoas com deficiência, com embasamento partindo do modelo social da deficiência e/ou do modelo médico.

O presente estudo destacou a importância de analisar como a temática é apresentada em materiais como o Enem, que são amplamente acessados e divulgados, visto que as escolhas discursivas podem impactar nas compreensões da surdez, também em como estudantes, professores e redes de ensino mobilizam conhecimentos sobre a temática. Por ser uma avaliação realizada ao final da Educação Básica e que contempla a temática, espera-se que esteja sendo vivenciada e discutida ao longo do processo educacional. Nos questionamos sobre como isso é discutido nos espaços educacionais, a partir de quais abordagens e se há o protagonismo das pessoas Surdas.

A preocupação com a acessibilidade no Enem deve reverberar nos contextos educacionais e ultrapassar os aspectos de oferta de recursos, com atenção também às representações e significados utilizados em sua estrutura. A menção a diferentes grupos no Enem pode reforçar ideias estigmatizadoras ou ampliar as percepções. Portanto, é primordial questionar os discursos que circulam sobre os recursos didáticos, reconhecer a diversidade linguística e cultural, promovendo reflexões sobre as representações usadas e construídas e meios para a formação de estudantes críticos e capazes de analisar as

representações. É também fundamental o cuidado com a abordagem e a exploração do rico material proveniente das edições do Enem.

Com essa pesquisa, reforçamos a importância da análise das representações sociais em materiais didáticos e instrumentos avaliativos. E ressaltamos que não foi nossa intenção estabelecer os discursos válidos ou inválidos, mas suscitar os que estão presentes e questionar, à luz da literatura atual, as formas de menção das pessoas Surdas no Enem, para que sejam alvo de atenção, e que não reverberem a manutenção de estereótipos e discursos hegemônicos.

## **REFERÊNCIAS**

Bogdan, R. C., & Biklen, S. K. (1994). *Investigação qualitativa em educação: Uma introdução à teoria e aos métodos* (M. J. Alvarez, S. B. Santos, & T. M. Baptista, Trans.). Porto Editora. (Obra original publicada em 1991)

Brasil. (1998, 28 de maio). *Portaria MEC nº 438, de 28 de maio de 1998: Institui o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem)*. Diário Oficial da União. [https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop\\_mostrarintegra?codteor=1121401](https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1121401)

Capovilla, F. C. (2000). Filosofias educacionais em relação ao surdo: do oralismo à comunicação total ao bilingüismo. *Revista brasileira de educação especial*, 6(01), 99-116.

Coimbra, M., Fernandes, F. K. S., da Costa, M. P. R., Lacerda, C. B. F., & Santos, L. F. (2025). (Ex)inclusão de sujeitos surdos: Análise de relatos pessoais nas redações de candidatos surdos no Enem de 2017. *Cadernos De Educação*, (69).

De Oliveira, T. S. (2016). O ENEM: Breves considerações sobre importância avaliativa e reforma educacional. *Educação Por Escrito*, 7(2), 275-285.

Gil, A. C. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa*. Atlas.

Goldenberg, M. (2004). *A arte de pesquisar: Como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais* (8ª ed.). Record.

Golos, D., & Moses, A. M. (2011). Representations of deaf characters in children's picture books. *American Annals of the Deaf*, 156 (3), 270–282.

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). (2020). *Histórico do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem)*. Recuperado em 22 de julho de 2025, de <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/enem/historico>.

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). (2025). *Exame Nacional do Ensino Médio (Enem)*. Recuperado em 22 de julho de 2025, de <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/enem>.

Junior, E. B. L., Oliveira, G. S., Santos, A. C. O., & Schnekenberg, G. F. (2021). Análise documental como percurso metodológico na pesquisa qualitativa. *Cadernos da FUCAMP*, 20(44).

Junqueira, R. D., & Lacerda, C. B. F. de. (2019). Avaliação de estudantes surdos e deficientes auditivos sob um novo paradigma: Enem em Libras. *Revista Educação Especial*, 32, e28, 1–17.

Junqueira, R. D., Martins, D. A., & Lacerda, C. B. F. (2017). Política de acessibilidade e exame nacional do ensino médio (ENEM). *Educação & Sociedade*, 38(139), 453-471.

Kumada, K. M. O. (2017). *Acesso do surdo a cursos superiores de formação de professores de Libras em instituições federais* [Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo]. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Universidade de São Paulo.

Ladd, P. (2013). *Em busca da surdidade: Colonização dos surdos (Vol. 1, M. Martini, Trad.)*. Surd'Universo. (Obra original publicada em 2003).

Lane, H. L. (2002). Do deaf people have a disability? *Sign Language Studies*, 2(4), 356-379.

Martins, D. A., & Lacerda, C. B. F. (2015). Exame Nacional do Ensino Médio e acesso de estudantes surdos ao Ensino Superior Brasileiro. *Pro-Posições*, 26(3), 83-101.

Müller, J. I., & Karnopp, L. B. (2017). Educação bilíngue de surdos no Rio Grande do Sul. *Revista Espaço*, (47), 61-83.

Pajka-West, S. (2010). Representations of deafness and deaf people in young adult fiction. *M/C Journal*, 13(3).

Patrocínio, P. R. T., & Roque, D. M. C. (2018). Narrar a surdez, narrar a diferença: Representações de personagens surdos na literatura infantojuvenil. *Revista Fórum Identidades* (28), 163-179.

Rangel, G. M. M. (2022). A história de nossa pedagogia surda: Pedagogia cultural. *Revista Espaço*, (57), 61-73.

Sacks, O. (2010). *Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos*. Editora Companhia de Bolso.

Souza, T. L. (2017). *Enem/Sisu: Política Pública de Inclusão e Democratização do Acesso ao Ensino Superior?* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal De Itajubá]. Repositório Institucional da Universidade Federal De Itajubá.

Strobel, K. L. (2007). História dos surdos: representações "mascaradas" das identidades surdas. In R. M. de Quadros & G. Perlin (Orgs.), *Estudos Surdos II* (pp. 18-37). Arara Azul.

Strobel, K. (2008). *As imagens do outro sobre a cultura surda*. Florianópolis: Editora da UFSC.